

Intelectuais americanos destacam papel de FHC

Especialistas em Brasil e América Latina das universidades de Stanford e Berkeley consideram o Plano Real o primeiro passo para livrar o País das algemas do Estado

LEDA BECK

Especial para o Estado

SAN FRANCISCO — Quando foi professor-visitante das universidades de Stanford e Berkeley, na Califórnia, nos anos 70, o presidente Fernando Henrique Cardoso, então sociólogo brasileiro no exílio, não fez apenas amigos pessoais: construiu admiradores, quase todos agora situados entre os mais respeitados intelectuais da academia americana. Neste domingo à noite, em uma sala do hotel Westin St. Francis, um dos mais elegantes de San Francisco, um seleto grupo de pelo menos seis deles vai compartilhar de um jantar privativo com o presidente brasileiro.

A ausência mais lamentada por todos será a do economista Albert Hirschman, mas estarão presentes o economista Albert Fishlow, professor em Berkeley e membro do Conselho de Relações Exteriores, os sociólogos Manuel Castells e Steve Cohen, também de Berkeley, que escreveram um livro com Fernando Henrique, o economista Peter Evans, conhecido por seus trabalhos sobre a questão do Estado na América Latina e particularmente no Brasil, e os cientistas políticos Terry Karl e Philippe Schmitter, da Universidade de Stanford, principais articuladores da programação acadêmica do presidente em San Francisco.

Ao longo da semana passada, entusiasmados com a perspectiva de rever Fernando Henrique e também a primeira-dama Ruth Cardoso, vários desses intelectuais avaliaram a situação do Brasil, cobriram de elogios o presidente brasileiro e festejaram as iniciativas acadêmicas que ele deverá anunciar amanhã em Stanford. "Ele não é apenas um intelectual, é uma figura respeitada por todos nós, talvez o mais eminente chefe de Estado do mundo", afirma o sociólogo Steve Cohen, integrante de um reputado grupo de estudos sobre a economia internacional da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Todos os demais concordam com Cohen, sem exceção.

"Trata-se de um caso raro de intelectual brilhante que não foi estupidificado pela política", diz Philippe Schmitter, do Instituto de Estudos Europeus de Stanford, cuja tese de doutorado comparou os modelos corporativistas europeus e brasileiro. "É um homem cosmopolita, sofisticado, inteligente e sério", diz Peter Evans, um dos mais renomados especialistas em América Latina dos Estados Unidos.

Evans observa que a situação econômica do Brasil depende das rela-

ções com a economia global, que "não são apenas estatísticas da balança comercial, mas também incluem a percepção que se tem do Brasil e do governo brasileiro fora do País". Para o sociólogo, Fernando Henrique desempenha um papel importante na mudança dessa percepção. "Em San Francisco, por exemplo, ele estará reunido com um grupo de empresários, cujas decisões de investimentos no Brasil serão influenciadas pela conversa com o presidente", explica. Ele acha que essa tarefa de Fernando Henrique será ainda mais importante no Japão. "Todo mundo conhece seu trabalho e o respeita", afirma Cohen, apontando o papel de "ponte" entre sociólogos e economistas

e economistas que a obra de Fernando Henrique desempenhou na universidade americana. Cohen considera muito difícil acompanhar a situação brasileira de longe, mas aponta a reforma monetária e financeira como "o

JANTAR SERÁ
COM COLEGAS
DO TEMPO
DE EXÍLIO

primeiro passo para liberar as forças produtivas do Brasil das algemas do Estado, do monopólio e da burocracia". Ele acha que Fernando Henrique está fazendo "um esforço hercúleo" nesse sentido, e acha que já está ocorrendo uma inevitável integração do Brasil à economia internacional. "Não estou dizendo que Fernando Henrique vai conseguir se livrar dos dinossauros, mas eu não consigo pensar em ninguém melhor do que ele para tentar", concluiu.